

ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de. *Drogas: uma abordagem educacional*.
São Paulo: Olho d'Água, 1999.

DROGAS – A VOZ DOS DEPENDENTES

*José Luís Vieira de Almeida**

*Doutor em Filosofia da Educação (USP), Professor Assistente-Doutor da UNESP (licenciado) e Professor do Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE.

A autora discute o uso abusivo de drogas com base na tensão dialética entre a unidade e a diversidade, entre a dimensão cotidiana e a sócio-histórica, destacando os contextos cultural, econômico e educacional nos quais tal tensão se exprime.

O ponto de partida da discussão é o depoimento de quatro jovens de classe média: Pedro com vinte e seis anos, Vera e Luiz com vinte e um e Mauro, de quinze anos. Durante o desenvolvimento da pesquisa, eles eram internos de clínicas ou hospitais especializados no tratamento de dependentes de drogas.

A autora afirma que todo comportamento dependente encerra uma contradição principal que ela chama de “*fome*” e que é ocultada pela droga, “alimento” usado para saciá-la. A compreensão da droga como alimento decorre de um processo de maturação anterior à frequência abusiva. Este processo consiste numa “afluência gradual de diversas fomes”. (p. 33) Quando a droga se torna alimento, configura-se a dependência.

O comportamento dependente expressa uma carência radical, e as dro-

gas apresentam-se como uma alternativa para supri-la. Porém, nenhuma delas consegue satisfazer uma carência que está na raiz do Ser. Tal impossibilidade gera o uso abusivo de substâncias que causam dependência.

Partindo dos depoimentos colhidos, a autora exemplifica algumas manifestações de *fome*: a de referência e de diálogo, que são as mais evidentes na fala de Pedro, e a afetiva, presente na expressão de Vera. Como essa *fome* não pode ser saciada no plano do imediato, uma alternativa que se coloca ao dependente é a renúncia à fome por meio de uma ação transformadora e utópica. “Sem ação transformadora, a utopia se reduz a uma alucinação.” (p. 36)

Os depoimentos, expostos no primeiro capítulo, são as expressões singulares dos dependentes de drogas. Esta singularidade é oposta, dialeticamente, à cultura na qual esses dependentes se inserem, que é apresentada no segundo capítulo. Esta cultura, embora dotada de características próprias, reproduz as relações da sociedade capitalista contemporânea. O modo como esta

sociedade se organiza e difunde seus valores, impõe dificuldades às pessoas quanto à realização da sua condição humana. Assim, a *força viva*, própria da condição humana dá lugar à *força eufórica* exclusiva de heróis como o super-homem. “Assim como se recorre a heróis, da mesma forma se apela para experiências místicas, academias esportivas e... drogas. Todas são possibilidades de alterar a percepção de si e do mundo circundante, de transcender e vivenciar uma aventura que o cotidiano não proporciona. Neste sentido, as drogas são o veículo para realizar a ‘viagem’ a momentos de plenitude e destemor.” (p. 41/42)

Esta necessidade de “viajar” para sentir-se pleno e corajoso decorre, em parte, da degradação do trabalho na sociedade capitalista contemporânea. Quando o trabalho, que deve humanizar o homem, o desumaniza, este tenta humanizar-se por meio de artifícios, como por exemplo o efeito causado pelo uso da droga.

A razão, que funda a concepção de homem na sociedade ocidental, também contribui para desumanizá-lo quando o racional submete o humano. A reação a este estado produz o “exílio da razão” que pode ser alcançado pelo uso de drogas.

O fim da sociedade de abundân-

cia, vigente nos trinta anos posteriores ao término da Segunda Guerra Mundial, gerou uma sociedade em crise, na qual se vive hoje. Este processo explica, em parte, o desenvolvimento da “indústria da droga”. A produção em escala industrial exige um consumo na mesma dimensão, o que repercute tanto nas experiências cotidianas das pessoas quanto nas relações sociais.

A autora aborda estas repercussões nos âmbitos da prática de atos violentos, da dinâmica familiar, da expressão do amor, da organização e manifestações da personalidade, bem como no da saúde. A associação do ato violento ao uso abusivo de drogas pode ser sintetizada na seguinte asserção: as drogas não originam a violência, mas podem exacerbá-la.

O exame da qualidade da dinâmica familiar é essencial quando se discute o uso abusivo de drogas. Não se trata de responsabilizar os pais, ao contrário, deve-se compreender a família como responsável por nutrir os seus membros dos valores próprios do ser humano.

O texto aborda o amor em duas dimensões: o vivenciado na família e aquele que assume a condição de mercadoria, ou seja, é dotado de valor de troca. Apesar da equiparação do amor à mercadoria, a autora sustenta que, “para

a ‘toxicomania’, ele ainda é a melhor vacina que se pode usar.” (p. 50, apud Olgária Matos, 1983)

Na relação entre personalidade e uso abusivo de drogas, a autora destaca a existência de uma combinação de fatores que interagem. O modo como cada um deles se apresenta em uma pessoa varia de acordo com as interações que ele desenvolve. Estas interações são chamadas de mediações.

Na última repercussão abordada no texto, uma droga pode contribuir para que se alcance um estado de saúde ou, ao contrário, pode comprometê-lo.

O terceiro capítulo do livro é dedicado à relação entre as drogas e a economia, apontando para o crescimento da economia informal que tem como um dos seus seguimentos a produção e distribuição de drogas ilícitas. Tal crescimento teve como principais decorrências a incapacidade de os países capitalistas ocidentais manterem os níveis de crescimento registrados nos trinta anos seguintes ao término da Segunda Guerra Mundial e a expansão do neoliberalismo.

No quarto capítulo, sustenta-se que o consumo abusivo de drogas requer uma abordagem voltada para o comportamento dependente, e esta é mais complexa do que a descrição das

drogas e seus efeitos. Assim, é preciso compreender a dependência como resultante da tensão entre a experiência pessoal e a social, entre o imediato e o mediato. Esta tensão, quando relativa ao uso abusivo de drogas, engendra contradições que repercutem, de modo vital, na vida do dependente.

Droga é “todo tipo de substância que, inalada injetada ou ingerida, provoca alterações no funcionamento orgânico”. (p. 69) Desta perspectiva, o uso de drogas pelos seres humanos não é recente. Ele é registrado, por exemplo, na bíblia pelo uso do álcool na forma de vinho ou no contexto militar em que a droga é usada para combater o cansaço e a fome ou diminuir a dor dos combatentes. Ela também está presente nas religiões profanas para auxiliar nas experiências místicas, propiciando rupturas com o racional. No século XX, as drogas também foram usadas para negar os valores da sociedade vigente. Assim, pode-se afirmar que o consumo de drogas pode satisfazer necessidades humanas, porém a dependência delas cria necessidades falsas que, por serem falsas, não podem ser satisfeitas. Desta forma, o dependente satisfaz à necessidade de consumo da mercadoria produzida por uma indústria próspera, apesar de informal. Se historicamente o uso de drogas serve para negar o racional, a fome, o sono,

a dor, ou os valores sociais vigentes, a dependência delas é a anti-negação.

O consumo abusivo de drogas, do ponto de vista da educação, é discutido no quinto capítulo. São apresentadas duas abordagens: a direta, centrada na própria droga enquanto substância, e a indireta, fundada nas múltiplas mediações que podem levar as pessoas à dependência. A primeira abordagem enfatiza os efeitos nocivos da droga e usa o que a autora chama de “estratégia do medo”. (p. 85) Já a abordagem indireta procura relacionar os vários aspectos vinculados à produção,

uso e consumo de drogas, e se pauta na educabilidade do ser humano.

Os programas preventivos contra o uso abusivo de drogas devem enfatizar a complexidade do problema e apresentar alternativas a esta prática. A principal delas é a mudança da qualidade de vida tanto pessoal quanto social. Tal mudança envolve a denúncia das falsas necessidades patrocinadas pela mídia, a compreensão da economia informal como produtora de riqueza, a garantia de expressão da experiência dos dependentes de drogas e o estabelecimento do vínculo entre processo educativo e